

1 – INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) necessita levar em conta construções didático-pedagógicas, que se operacionalizem na realidade dos atores sociais envolvidos, para além dos estigmas e estereótipos, e assim, capazes de valorizar as diferentes formas com as quais estes sujeitos constroem e reconstróem cotidianamente suas leituras de mundo.

Diante de algumas leituras, percebeu-se as possibilidades da arte na potencialização das leituras de mundo de educandos da EJA no universo de oficinas pedagógicas através do material que produziram: desenhos, artefatos culturais e dos discursos gerados através da apropriação dos mesmos. Tais atividades seriam realizadas, como formas de reportar os educandos às suas experiências de vida, por meio de associações entre as suas produções e as vivências que traziam ao contexto escolar, ligadas às suas leituras de mundo, essencialmente vinculadas à religiosidade popular do distrito de Morro Vermelho. Desta forma partimos do pressuposto neste artigo que a arte revela-se uma ferramenta importante na potencialização das leituras de mundo destes sujeitos históricos e socioculturais, e assim deve ser utilizada no universo de nossas pesquisas e investigações acadêmicas.

Esta pesquisa foi desenvolvida no período de 2011 a 2013 no contexto do Programa de Pós-Graduação da FAE/ CBH/ UEMG e no desafio de potencialização das leituras de mundo e dos territórios de educandos da EJA de uma comunidade rural, localizada no distrito de Morro Vermelho, município de Caeté, mediadas por várias linguagens, dentre elas a linguagem artística. A pesquisa desenvolvida foi uma experiência em educação popular, que buscou investigar como educandos da EJA de uma comunidade rural localizada no distrito de Morro Vermelho constroem suas leituras de mundo, através de uma construção metodológica que permitisse, acima de tudo, o diálogo, a criatividade e a autoria dos participantes.

Desta forma, este artigo busca através da socialização das experiências vivenciadas em uma dissertação de mestrado, instaurar reflexões sobre as contribuições e limites metodológicos dos usos da arte no contexto desta pesquisa. A arte foi utilizada a partir da elaboração de desenhos e artefatos culturais que de fato expressassem as leituras de mundo dos educandos e educandas da EJA do distrito de Morro Vermelho.

Revelou-se na perspectiva dialógica de Paulo Freire (1980), um caminho possível e significativo na construção metodológica desta pesquisa, capaz de levar os educandos a

descortinarem suas leituras de mundo e, mais do que isto, de suas formas de ser e existir no desenvolvimento de processos educativos de formação humana.

Apresentou alguns limites relacionados às dificuldades de expressão dos sujeitos participantes, relacionados à estigmas e estereótipos. Mas revelou-se um instrumento metodológico que potencializou as leituras de mundo dos educandos e educandas da EJA do distrito de Morro Vermelho, e fundamental para a consolidação de movimentos que permitam a ampliação da esfera pública de direitos subjetivos, no que diz respeito a grupos historicamente marginalizados e de processos formativos, que acolham e reconheçam a diversidade cultural como possibilidades de efetivação democrática e não como naturalização das desigualdades sociais, através da valorização destes atores sociais, enquanto protagonistas de suas trajetórias individuais e coletivas.

2. O CONTEXTO DA PESQUISA, A METODOLOGIA, AS ATIVIDADES REALIZADAS E OS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS

A pesquisa intitulada *Leituras de mundo... Saberes tradicionais... Territórios materiais e existenciais de educandos da EJA do Campo: Novos olhares através de oficinas pedagógicas, inspiradas em Paulo Freire*, foi desenvolvida no contexto do Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Educação da FAE/ CBH/UEMG e no Observatório da Educação do Campo (UFV, UEMG, UFSJ /CAPES/INEP), no período de março de 2011 a março de 2013, sob orientação do Prof. Dr. José Pereira Peixoto Filho.

É fruto de uma pesquisa com 11 educandos da EJA de uma escola localizada no distrito de Morro Vermelho, município de Caeté, estado de Minas Gerais, com idades entre 35 a 70 anos e com a participação ativa da professora. Esse distrito possui cerca de 1.200 habitantes e localiza-se na porção Sul do município. Entre montanhas verdejantes, destaca-se o Morro de Santa Cruz, que faz parte da Serra do Gongo Soco. É um vilarejo histórico, palco da Guerra dos Emboabas e de vários eventos históricos, os quais ainda perduram na memória coletiva de seus moradores. Caracteriza-se pela valorização do sagrado, da experiência religiosa e por uma cultura popular constituída de ricas tradições familiares, pela agropecuária, a mineração e a monocultura de eucalipto.

Esta investigação teve como objeto central de estudo compreender como os educandos da EJA, de uma comunidade rural, constroem seus territórios materiais e existenciais, associados as suas diferentes leituras de mundo. A partir da perspectiva da educação popular, tentou-se potencializar as leituras de mundo constituídos nas vivências e existências, nas quais estão imersos os sujeitos da educação de jovens e adultos. Esta potencialização deu-se por meio de uma

construção metodológica e pedagógica, que teve como fundamento o diálogo, a criatividade e a autoria dos sujeitos participantes do processo investigativo. Tendo como instrumentos didáticos e de ensino, as técnicas inerentes às oficinas pedagógicas, para que fosse permitido o desvelamento de discursos, percepções, identidades e subjetividades.

Foram realizadas 13 oficinas pedagógicas, inspiradas nos pressupostos político e pedagógicos de Paulo Freire, que se utilizaram de diferentes chamados mediadores culturais, dentre eles a utilização da arte, a partir da realização de produções de desenhos e artefatos culturais. Estas atividades possibilitaram produções e diferentes registros realizados pelos educandos da EJA, imensamente valorizados no universo desta pesquisa. Revelaram-se materiais empíricos de grande importância, interpretados, analisados, que nos permitiram reflexões e a compreensão sobre as leituras de mundo e territórios dos sujeitos envolvidos.

Quanto à caracterização dos sujeitos participantes das oficinas pedagógicas, sete eram mulheres e quatro, homens. Todos eram naturais do próprio distrito de Morro Vermelho, com idades entre 35 a 70 anos. Dois educandos trabalhavam fora; outras quatro educandas eram donas de casa e os demais eram idosos aposentados. É importante destacar, que as mulheres é que compareceram, com mais frequência, às oficinas pedagógicas desenvolvidas.

TABELA 1 – Nomes atribuídos aos sujeitos da pesquisa

Nome	Sujeito da pesquisa
“Rosa”	Professora
“Margarida”	Educanda
“Dália”	Educanda
“Hortência”	Educanda
“Flor de Laranjeira”	Educanda
“Violeta”	Educanda
“Begônia”	Educanda
“Orquídea”	Educanda
“Jacarandá”	Educando
“Pequizeiro”	Educando
“Buritizeiro”	Educando
“Murici”	Educando

Fonte: Elaborada pelos autores

Assim, esta investigação teve também como objetivo a realização de oficinas pedagógicas inspiradas nos pressupostos político-pedagógicos de Paulo Freire, que se utilizariam de diferentes

linguagens, como a arte. Além de buscarem a viabilização da formação cidadã dos participantes e para que fossem trabalhadas suas expectativas, saberes e necessidades, a autoria e a criatividade.

O desenvolvimento das 13 oficinas pedagógicas com início no mês de agosto até o mês de dezembro de 2012 tornou-se possível por meio de um acordo realizado com a diretora da escola e a professora da Educação de Jovens e Adultos, durante pesquisa exploratória. Foram realizadas, sobretudo, às quintas-feiras no contexto da sala da própria turma. Em alguns dias, as oficinas pedagógicas foram desenvolvidas às quartas-feiras. Estas oficinas pedagógicas foram devidamente planejadas e discutidas previamente com a professora da turma e a diretora da escola, considerando as potencialidades e os limites dos educandos participantes da pesquisa.

O uso da arte nesta investigação foi pensado como forma de valorizar as diferentes formas de registro realizadas pelos sujeitos no universo desta investigação, bem como possibilidade de proporcionar a autoria, a criatividade e a catarse, fundamentais no descortinar das diferentes leituras de mundo dos educandos participantes, como ilustram as figuras a seguir das oficinas pedagógicas realizadas:

FIG. 01- Oficina pedagógica (desenhos) das caixas

Fonte: Acervo produzido pela pesquisadora



FIG. 02- Oficina pedagógica (caixas)

Fonte: Acervo produzido pela pesquisadora



3- O DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Uma pesquisa participante e uma experiência em educação popular exigem postura e construção epistemológicas que levem em conta as possibilidades de construção teórica, a partir da interface entre objetividade e subjetividade, saber popular e saber acadêmico, e neste sentido, as suas contribuições para processos educativos de formação humana dos sujeitos envolvidos. Neste sentido, é necessário que fosse levado em conta todo o rigor na produção do conhecimento

científico, considerando também, que as metodologias tradicionais não dão conta de seus pressupostos formativos, que denotam a sua singularidade.

Desta forma, buscou-se uma construção metodológica, que, conforme discorre Byngton(1995) resgatasse a subjetividade, a emoção e as crenças, os mitos dos diferentes grupos sociais. Segundo este autor, este movimento tem ocorrido diante da constatação da percepção do caráter maléfico da dissociação entre subjetividade e objetividade na construção dos saberes. Evidencia-se, então, um movimento de busca da construção de saberes pautados na totalidade e na globalidade, valorizando-se os desejos, imaginários, afetividades e conhecimentos práticos (DELGADO & MULLER, 2005, p.).

Estas questões produziram inquietações e inseguranças constantes no universo das disciplinas do mestrado, onde eram realizadas intensas e ricas discussões com os professores e demais colegas de turma acerca das metodologias de nossas pesquisas. Angústias e questionamentos constantemente socializados e compartilhados com o orientador e com os colegas das disciplinas. Inquietações, estas, decorrentes de algumas *críticas*, pois consideravam uma metodologia delicada, desprovida, inclusive, de certo rigor científico. A pesquisadora e seu orientador aceitaram o desafio. Isto exigiu e estimulou a capacidade criativa e inventiva por parte de ambos do ponto de vista metodológico. Questões e processos estes, que demonstram como uma dissertação revela-se um cenário de construção científica, bem como um processo que pressupõe o exercício da criatividade e da inventividade.

Diante da natureza da investigação e de seus pressupostos epistemológicos delineados, era necessária uma construção metodológica, que preconizasse por alguns elementos fundamentais como a autoria, o diálogo, o imaginário, a sensibilidade, a afetividade e os processos criativos dos sujeitos envolvidos, que são elementos a serem valorizados, considerando-se esta uma experiência em educação popular. Sempre tendo-se como pressuposto a construção de conhecimentos científicos.

Considerando as especificidades de uma experiência em educação popular, foi necessária a opção por outra metodologia e, diante de algumas leituras percebeu-se, que a metodologia das oficinas pedagógicas poderiam dar conta das especificidades e singularidades desta dissertação e, mais do que isto, possibilitar a criação de contextos de construção de conhecimentos de forma compartilhada, de narração coletiva. Porém, era necessário algo mais na construção metodológica desta pesquisa, que alguns elementos seriam preconizados como a autoria e a criatividade. Vale ressaltar, na construção metodológica e na mediação da construção dos conhecimentos nesta

pesquisa, o papel da utilização de diferentes linguagens e formas de registro por parte dos sujeitos da pesquisa: não só como um elemento que nos permite representar o mundo, mas também criá-lo.

Diferentes linguagens a serem trabalhadas no universo destas oficinas pedagógicas com os educandos da Educação de Jovens e Adultos, que foram legitimadas por meio da leitura da dissertação de mestrado de Baccocina (2007), onde percebeu-se a importância da arte na realização de uma investigação com educandos e educandas da EJA.

Tais leituras possibilitaram à pesquisadora vislumbrar possibilidades metodológicas do uso da arte na construção desta investigação, e fundamental na promoção da autoria, da criatividade e catarse dos envolvidos, capazes de estimular à narração, a oralidade dos sujeitos da pesquisa, a construção de significados, que poderiam proporcionar aprendizagens e processos educativos, bem como na potencialização das leituras de mundo dos sujeitos envolvidos nas oficinas pedagógicas.

Desta forma, as oficinas pedagógicas inspiradas nos pressupostos políticos e pedagógicos de Paulo Freire caracterizaram-se pela utilização dos chamados mediadores culturais, considerando que os processos de produção de conhecimentos, não ocorrem diretamente entre os sujeitos e objetos, mas pela ação mediadora de professores, linguagens, signos e objetos da cultura material, visual e simbólica como reflete Siman(2004). Mediadores culturais que puderam proporcionar vivências potencializadoras da criação, da expressão e consequentemente das dimensões inventivas de cada sujeito, imensamente reprimidas (LEITE & OSTETO, 2004). Foram utilizados uma diversidade de mediadores culturais na produção dos conhecimentos, no universo das oficinas pedagógicas, por meio do uso de diferentes linguagens como a arte, a partir da produção de desenhos e artefatos culturais durante as oficinas pedagógicas realizadas.

4- OS LIMITES DA UTILIZAÇÃO DA ARTE NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS, INSPIRADAS EM PAULO FREIRE

Foram evidenciados, no decorrer das oficinas pedagógicas, bloqueios ao envolvimento sensível dos educandos mostrando dificuldades em participar da aula em alguns momentos: na construção dos desenhos e dos artefatos culturais produzidos. Tais dificuldades evidenciaram os limites das oficinas pedagógicas desenvolvidas revelados por resistências, protestos, conflitos e muitos estranhamentos. Por isso, necessitam ser considerados por meio de expressões ditas pelos alunos: *“Eu não tenho jeito pra isto não”, “Ah, eu não tenho cabeça pra isto...” “Tô no mundo da lua”*. Também nos textos coletivos, os educandos destacaram a dificuldade de realizar o desenho: *“Ah o problema foi o desenho”*.

Por um lado, considerou-se que as dificuldades de expressão, estranhamentos e resistências revelados pelos educandos da EJA, no universo das oficinas pedagógicas, se relacionavam com os vários estereótipos atribuídos a esses atores sociais (RUMMERT, 2007). Como se sabe, eles são colocados em patamar de inferiorização e estigmatização inibindo-os de expressar de diferentes formas e de revelarem suas corporeidades que são desprezadas e suprimidas (DIEHL, 2006) e que dizem respeito a operações discursivas que não se fazem sem violência (BONDÍA, 1996). Tais questões podem ser explicadas pelos vários estereótipos associados aos sujeitos da EJA, fruto do contexto sociocultural contemporâneo que vive uma espécie de processo anestésico, como citado por Duarte Júnior (2003). Ele explica que a anestesia é cultivada na sociedade hoje, tornando-se intangível tudo que se relaciona com a possibilidade de experimentar sentimentos. Nessa direção, Walter Benjamin (1984) reflete sobre a perda da capacidade de narrar uma consequência do esvaziamento da experiência do homem moderno.

O corpo, nessa perspectiva, revela-se violentado e vivencia processos de adestramento dos seus movimentos em prol da ciência, da técnica e da lógica mercadológica. E, nesse sentido, desvalorizam-se questões como a subjetividade e a experiência (RODRIGUES & CARRIATO, 2009) que inviabilizam o sentir e o expressar por parte dos diferentes atores sociais. Todo esse contexto descrito de alguma forma impacta os diferentes setores da vida sociocultural, inclusive, a educação. Esta, segundo Simone Weil (2001), vivencia processos de desenraizamento, e, à medida que se desvincula da vida, torna-se fragmentada e especializada. Essas observações são fundamentais para o entendimento das inúmeras resistências, protestos e dificuldades de expressão a partir da arte, por parte dos educandos da EJA do distrito de Morro Vermelho no universo das oficinas pedagógicas realizadas.

5- AS POTENCIALIDADES DO USO DA ARTE NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS COM OS EDUCANDOS DA EJA

Como assinala Paulo Freire (1989), os diferentes grupos sociais realizam leituras e releituras de seu mundo e da vida constituídos da natureza, objetos e outros seres que os cercam, revelando significados, modos de vida e estratégias de sobrevivência, aos quais estão submetidos a um constante processo de leitura e releitura. Para esse autor, a leitura de mundo pressupõe processos, que envolvem uma interação criativa, capaz de proporcionar aprendizados, um estar no mundo e um participar da vida, sujeito a constantes leituras e releituras.

Essas percepções de Freire encontram-se em sua obra *A Importância do Ato de Ler*. Nessa obra, o autor menciona a casa onde nasceu em Recife, as árvores, o quintal da casa, a natureza, os animais, os textos e palavras desses contextos vivenciados por ele na infância, que foram

constituindo sua leitura de mundo, encarnavam em uma série de coisas, objetos, sinais nas suas diferentes formas visuais, auditivas e olfativas. Paulo Freire (1989) considera, então, que os educadores devem valorizar as diferentes formas de leitura de mundo que os grupos populares realizam. Essas leituras dizem respeito a um contexto local e global e às diferentes formas de explicação do mundo, compreensão de sua própria presença no mundo e dos seus saberes oriundos da experiência. No universo das oficinas pedagógicas as leituras de mundo dos educandos da EJA revelaram-se essencialmente ligadas à religiosidade popular, por meio dos artefatos culturais, desenhos produzidos e da apropriação dos mesmos.

As atividades permitiram que os educandos associassem os desenhos e caixas produzidas, às suas experiências individuais e coletivas e revelaram leituras de mundo, essencialmente ligadas à religiosidade popular, que marca profundamente o distrito de Morro Vermelho. Desse modo foi possível obter uma visão abrangente do que vem a ser a leitura. Considerou-se, pois, que a leitura é um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas também a imagem e os aspectos mais diversos do mundo (JUNGER & VERGANANO, s/d; MARTINS, 2005). Assim, as diferentes leituras realizadas revelaram percepções de mundo desses educandos (FREIRE, 1989).

É importante considerar, que tanto os desenhos, como os artefatos culturais (caixas) revelaram-se mensageiros da experiência e objetos significativos que poderiam produzir narrativas do vivido (PELIZZONI & MIRANDA, 2008), no caso relacionadas às leituras de mundo e religiosidade popular dos educandos da EJA. Enfim, foram se fazendo *locais de memória*, metamorfoseando objetos simples e cotidianos em objetos especiais, permeados de significados e afetos que os tornam preciosidades capazes de vivificar memórias esquecidas (PELIZZONI & MIRANDA, 2008). Desse modo, tornaram-se formas de formas de comunicação, reflexão, problematização e diálogo. (RAMOS, 2004). Numa palavra, tornam-se significativos mediadores culturais (SIMAN, 2004).

As leituras de mundo dos educandos essencialmente ligadas à religiosidade popular foram reveladas no decorrer das oficinas pedagógicas realizadas. A religiosidade popular constituída pelas festas, rituais religiosos e outras práticas, que fazem parte do cotidiano do distrito de Morro Vermelho. Essas práticas estão presentes nas experiências religiosas de homens e mulheres do interior de Minas Gerais, na sua perspectiva material e simbólica. Para Brandão (2004), a melhor maneira de compreender a cultura popular é através de estudos sobre religião, pois, para ele, é ali que ela aparece viva e multiforme.

Esses materiais produzidos e a apropriação dos mesmos revelaram como a constituição do espaço sagrado no distrito de Morro Vermelho se manifesta, de modo especial, concreta e

materialmente por meio de recintos sagrados que asseguram a comunicação com o mundo dos deuses (ELIADE, 1999) e dos templos que são referenciais de identidade e essenciais na preservação da religião e da cultura, da celebração da religiosidade comunitária e na conexão da comunidade de fé e em Deus. (BURMANN, 2009).

Tais questões podem ser exemplificados pelas produções de alguns educandos da EJA que representaram, por meio dos desenhos (FIG. 03) e das caixas (FIG. 04) confeccionadas, locais como a Capela do Rosário e a Igreja de Nossa Senhora de Nazareth. Portanto, estes registros produzidos expressam a relevância desses espaços materiais e recintos para a vivência do sagrado no distrito de Morro Vermelho.

FIG. 03- Desenhos produzidos

Fonte: Acervo produzido pela pesquisadora



FIG. 04- Caixa produzida

Fonte: Acervo produzido pela pesquisadora



Desse modo, as oficinas pedagógicas possibilitaram também perceber que na constituição da religiosidade popular, o espaço sagrado manifesta-se simbolicamente. A análise dos discursos dos educandos da EJA e das produções elaboradas durante as oficinas evidenciou, que a vivência do espaço sagrado ocorre por meio das festas, rituais e outras práticas religiosas. O espaço sagrado, por esta perspectiva, não se trata apenas de um espaço localizável, mas diz respeito a uma série de experiências religiosas, nas quais o espaço sagrado emerge em sua total complexidade que deve ser considerada (PEREIRA & GIL FILHO, 2012). O espaço sagrado pode ser revelado por meio de procedimentos rituais, que Rosendhal (2005) repetições de *hierofanias primordiais*.

Essas manifestações revelam a constituição de uma cultura religiosa que evidencia seus símbolos. Os discursos a seguir decorrentes da apropriação dos desenhos e dos artefatos culturais produzidos evidenciam tais questões acima elencadas:

Em uma das oficinas pedagógicas, a *Festa de Nossa Senhora do Rosário* foi ressaltada por duas educandas em especial, quando comentaram seus desenhos sobre a *Capela do Rosário*. Disse uma das educandas: “*É uma igreja muito pequena. Tem festa todo mês de Outubro... Muito divertida...*” E a outra educanda sobre o seu desenho da *Igreja de Nossa Senhora de Nazareth*: “*É*

uma igreja muito pequena... Tem todo mês de outubro... Muito divertida... Têm o Aluá... Os Cavaleiros Mirim.. Fogos.”

Afinal, nessa oficina pedagógica, ao se apropriarem de suas caixas, todos afirmaram que elas representavam a religião. Isso mostra que a experiência religiosa se dava por meio de outras práticas. Duas educandas, diante dos seus desenhos sobre a *Igreja de Nossa Senhora de Nazareth*, afirmaram que vão à missa todos os domingos.

Essas manifestações da religiosidade popular revelaram a constituição de uma cultura religiosa que evidencia seus símbolos, a experiência simbólica com santos de devoção que foi representada nas caixas por todos os educandos da EJA: Nossa Senhora de Nazareth, Nossa Senhora Aparecida, Maria, outros santos de devoção considerados importantes para os educandos e uma cultura religiosa constituída de mediadores (santos, papa, padres) e símbolos, (anjos, coração, hóstia, cruz, pão) que foram representados pelos educandos nas caixas produzidas (FIG. 05).

FIG. 05: Caixas produzidas

Fonte: Acervo produzido pela pesquisadora



6- A ARTE COMO POSSIBILIDADE DO EXERCÍCIO DA AUTORIA, DA CRIATIVIDADE E DA CATARSE POR EDUCANDOS DA EJA DO DISTRITO DE MORRO VERMELHO

As oficinas pedagógicas desenvolvidas permitiram evidenciar o exercício da criatividade e da autoria, no universo da Educação de Jovens e Adultos a partir da elaboração dos desenhos e dos artefatos culturais. É importante pensar os processos criativos vivenciados nas oficinas pedagógicas como possibilidades de criação artística, como processos vinculados a todo ato humano de criar e recriar a realidade e inaugurar novos modos de existir (BACCOCINA, 2007). Enfim, deve-se pensar no sujeito da experiência aberto a sua própria transformação (BONDÍA, 2002) através da

arte e desta forma revelando-se tentativas de rompimento com estereótipos e estigmas comumente associados a estes atores sociais.

Mesmo com os seus limites, resistências e estranhamentos a produção dos desenhos, artefatos culturais, permitiram a criação artística, estimularam percepções, descobertas de possibilidades e enfrentamento dos limites impostos por si mesmos e pelo material, em processos que deram forma aos significados relacionados ao próprio viver (DIHEL, 2006).

As oficinas pedagógicas que se utilizaram da linguagem artística, relativas à construção dos desenhos, dos artefatos culturais e do portfólio dos educandos e educandas, onde seriam armazenadas as produções desenvolvidas durante a pesquisa, mesmo com resistências e estranhamentos retratados nos discursos dos educandos, proporcionaram o saber com prazer e, conseqüentemente, o exercício da subjetividade. Elas possibilitaram pensar o cotidiano escolar de modo diferente, e buscar múltiplas formas de experimentação e de expressão (DIEHL, 2006). Um viver prazeroso, com sabor especial, um saber de si (DIHEL, 2006) que propiciaram um viver prazeroso, com sabor especial, um saber de si (DIHEL, 2006). Nesse sentido, pode-se pensar em práticas pedagógicas em que aprender seja maravilhar-se, como nos ensina Paulo Freire (1989). Assim é essencial, na criação novos sentidos para existência, que do conhecimento revele prazer, emoção estética (CARBONELL, 2010).

Permitiram aos educandos da EJA o acesso as suas subjetividades, o despertar e o aprimorar da sensibilidade, descobrindo-se sobre si mesmos e apropriando-se de suas vidas por meio da experiência (BONDÍA, 2002). Assim, ligando-os conhecimentos com os diferentes referenciais e formas de experienciar o nosso ser, é que construímos nossas subjetividades e existencialidade, ou seja, um caminhar para si (JOSSO, 2004) por meio do descortinar e do desvelar de suas leituras de mundo e saberes tradicionais. Tudo isso foi constatado em algumas expressões apresentadas pelos educandos, ao longo das oficinas pedagógicas, ao elaborarem os desenhos e artefatos culturais: “*Ah fizemos muita arte hoje...*”.

O transitar pelo campo da arte e pelo processo de criação enquanto atividades inerentes ao humano e potencialmente humanas, constitui um esforço de aproximação do ato criador como uma invenção dos modos de existir, de experimentar, de aprender, de formar-se, de formar-se, transformar-se, de ler, ler o mundo e a si mesmo (BACCOCINA, 2007). Não postulamos que cada um dos participantes da pesquisa seja um artista criador de uma obra de arte, mas acreditamos ser possível levantar alguns elementos para compreender cada um desses participantes como alguém que inventa e inventa-se (BACCOCINA, 2007).

Ademais, proporcionaram processos de criar e recriar da realidade, que envolveram o exercício da capacidade de escolha e da capacidade crítica, segundo situações existenciais e pressupondo, então, uma vocação ontológica humana. Nesse sentido, superaram o conceito de criatividade, pensando-a como capacidade inerente da inteligência humana, mas relacionada com a apropriação, produção de cultura e história e com a descoberta dos indivíduos como seres de diálogo e protagonistas de seus tempos, como nos ensina Paulo Freire (1980).

Assim sendo, os processos de criação vivenciados através da arte permitiram o exercício da autoria na perspectiva preconizada por Fiori (1983) no Prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*. O autor ressalta a importância da criação de contextos e espaços que permitiram a descoberta e a conquista como sujeitos de sua própria destinação histórica.

Afinal, as oficinas pedagógicas possibilitaram aos educandos da EJA através da arte, serem autores de seus produtos (FISS, 2009). E isso, se fez presente por meio da elaboração dos desenhos de vida, que subsidiaram a criatividade e a expressão de forma autoral. Dialogando com as premissas de Paulo Freire, Fiss(2009) reflete que a autoria na Educação de Jovens e Adultos pode ser viabilizada por meio de uma proposta maior, de vocação ontológica do homem ser sujeito de sua própria história, de descoberta e produção de sentidos. Os sujeitos educandos da EJA puderam construir as suas autorias ao assumir, no contexto das oficinas pedagógicas, posições sociais que, de alguma forma, romperam com abordagens tecnicistas e massificadoras, promovendo o reviramento de sentidos, fixos e estabelecidos sobre os espaços escolares (FISS, 2009).

Em última análise, as vivências proporcionaram, então, processos de criação artística e envolveram a criação e recriação da realidade, a produção de história e cultura, o exercício da autoria, por meio de novos modos de leitura e escrita. Portanto, esse trabalho abriu novos horizontes para a reflexão dos processos de alfabetização e letramento no universo da Educação de Jovens e Adultos, para além de visões que os reduzem às habilidades e técnicas, como formas culturais de resistências engajadas que valorizem os contextos socioculturais e históricos dos educandos, como nos ensina Paulo Freire. Desse modo, as experiências vividas através da arte, no universo das oficinas pedagógicas, tornaram-se artes terapêuticas, pois proporcionaram o enfrentamento e (re) significação dos sentimentos por meio das atividades artísticas desenvolvidas. As atividades relacionadas à produção artística promoveram prazer e encantamento, um estado de bem-estar individual e social, cooperação entre os educandos.

A vivência do fazer da arte pôde ser comparada a uma forma de terapia (DIHEL, 2006) e de catarse, ao permitir aos educandos uma existência social objetiva, possibilitando, assim, que eles se relacionassem com seus sentimentos como um objeto, como algo externo, que se interioriza

(VYGOTISKI, 1999). Assim, sendo, os educandos da EJA experimentaram uma espécie de libertação de obstáculos, que os impediam de exprimir, ou, de ser eles próprios. Esse percurso envolve a alternância entre a introversão e a extroversão e isso deve ser considerado (RODRIGUES, 2005). Tudo isso foi observado quando os educandos ressaltam que o processo de construção das caixas se revelou um experimento e uma distração.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da socialização dos dados desta pesquisa, podemos refletir sobre as potencialidades e limites da utilização da arte na construção metodológica desta investigação e no desafios de promoção da criatividade e autoria dos educandos, tendo em vista a elaboração dos desenhos e artefatos culturais. A arte deve ser valorizada no universo de nossas pesquisas e, mais do que isto deve ser valorizado as possibilidades da mesma na potencialização das leituras de mundo de educandos da EJA, primordialmente ligadas à religiosidade popular no caso do distrito de Morro Vermelho e mais do que isto, no desenvolvimento dos processos educativos de formação humana destes atores sociais. Enfim, a arte se revelou um instrumento metodológico fundamental para a consolidação de movimentos que possam permitam a ampliação da esfera pública de direitos subjetivos, no que diz respeito a grupos historicamente marginalizados, enquanto protagonistas de suas trajetórias individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

BACCOCINA, E. A. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio Claro, São Paulo, SP, 2007. Disponível em <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137064P2/2007/bacocina_ea_me_rcla.pdf> Acesso em: 12/03/2012.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BONDÍÁ, J. L. Narrativa, identidad y desidentificación. In: *La experiencia de la lectura: Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona (Espanha): Laertes, 1996. p. 23-45.

BRANDÃO, C. R. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*: Goiânia: Ed. UFG, 2004.

BURMANN, C. Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana. *Protestantismo em Revista*, v. 19, p. 60-68, mai/ago. 2009. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/019/ano08n2_06.pdf> Acesso em: 12/02/2012

BYNGTON, C. A. B. A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da Pedagogia Simbólica. In: FAZENDA, I. *A pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento*. 6. Ed. Campinas/SP: Papirus, 1995. p.43-73.

CID LOPES, P. da S. V. *Imaginário Social e resgate da memória cultural e afetiva na comunidade de Rio das Pedras (Uma proposta para a Educação de Jovens e Adultos)*. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2004.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de Pesquisa*. n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0935125.pdf> > Acesso em: 10/02/2011

DIEHL, V. *Educação do Sensível: Modelando o barro e ressignificando o corpo*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, RS, 2006.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. 2ª edição. Curitiba: Criar edições Ltda, 2003.p.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra. (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FISS, D. M. L. Alfabetização letramento e autoria na EJA: Os processos de assessoria e formação de educadores. In: RODRIGUES, Maria Bernadette Castro e DALLA ZEN, Maria Isabel. *Tópicos educacionais I*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2009.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

JÚNIOR, F. B. Educação de Jovens de Jovens e Adultos: Territórios e subjetivação. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 10, p. 79-88, jan./dez. 2011. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/.../20266> Acesso em: 23/03/2012

JUNGER, C. V.; VERGANO, S. de S. *Leitura de palavra, Leitura de imagem, leitura de mundo: a formação do formador de leitores*. Circulo Fluminense de Estudos Linguísticas. s/d. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/9/10.htm>>. Acesso em: < 12/03/2011 >

MARTINS, R. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, M. e HERNANDEZ, F. (orgs.) *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p. (133-145).

PEIXOTO FILHO, J. P. *A Educação Básica de Jovens e Adultos: a trajetória da marginalidade*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1994.

PELIZONI, G.M; MIRANDA, S. R. De relicários a janelas: objetos materiais como mensageiros da (investig)ação escolar. *Educ. rev.* n.47, p.23-26, jun. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982008000100012&script=sci_arttext > Acesso em: 12/03/2011.

PEREIRA, C. J; GIL FILHO; S. F.. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. *Ateliê Geográfico*. n.1, v.6, p-35-50, abril. 2012. Disponível em:<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/18760>> Acesso em: 12/12/2012.

RAMOS, F. R. L. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

RODRIGUES, L. F. S.P. *A arte como catarse*. Trabalho realizado para a disciplina de Perspectiva Terapêutica das Artes Plásticas (Mestrado em Educação Artística) - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005. Disponível em: www.formate.com/.../1474-a-arte-como-catarse.html> Acesso em: 12/05/2012.

RODRIGUES, Alexandra Arnold; CANIATO, Angela Maria. Corpo- mercadoria, sob o controle e punição: Prenúncios de uma subjetividade aniquilada. *Rev. Mal-Estar Subjetividade*. n.2, v.9, p.12-17. 2003. Disponível em: Acesso em: 12/01/2012.

RUMMERT, Sonia Maria. A “marca social” da educação de jovens e adultos trabalhadores. IV Simpósio Trabalho e Educação. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, v. 1, n. 4, agosto 2007.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (org) *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005, p. 191-226.

SIMAN, L. de C. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos”. In ZARTH, Paulo A. e outros (orgs). *Ensino de História e Educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ: 2004, p. 156-159.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

WEIL, Simone. *O Enraizamento*, São Paulo: EDUSC, 2001.